



SOUZA, Vitor Chaves de. **A dobra da religião em Paul Ricoeur**. Santo André: Kapenke, 2017. 459 p.

Thiago Luiz de Sousa¹

Paul Ricoeur (1913-2005) é um dos filósofos contemporâneos com mais importância, sendo reconhecido seu pensamento tanto por conta de sua profundidade, quanto pluralidade, uma vez que ao longo de sua obra vemos vários temas protagonizados, como o mal, a metáfora, a memória, entre outros. Para manter este seu pensamento sempre de maneira dinâmica, o filósofo francês sempre procurou filosofar entre "fronteiras", isto é, vemos em seus textos o encontro de várias áreas, dentre elas, filosofia e teologia. Deste modo, não é à toa que aos poucos se vem aumentando o interesse pelo estudo da Filosofia da Religião tendo como base o pensamento deste autor e o reconhecimento deste como um solo fecundo para esta área. Uma prova disso é a publicação recente de *A dobra da religião em Paul Ricoeur*, por Vitor Chaves de Souza.

Em *A dobra da religião em Paul Ricoeur*, Vitor Chaves de Souza tem como objetivo principal "demonstrar o movimento da dobra religiosa no pensamento de Ricoeur e suas implicações para hermenêutica da religião" (SOUZA, 2017, p. 13). Com esta proposta vemos dois pontos interessantes: (i) a sustentação de uma tese por meio do conceito de dobra de Deleuze, isto é, a sustentação de uma tese para interpretação da obra de Ricoeur tendo como base um conceito de outro autor; (ii) a busca por implicações para hermenêutica religiosa contidas dentro do próprio projeto filosófico ricoeuriano, procurando assim uma intersecção profunda entre as áreas de filosofia e teologia possível no itinerário intelectual ricoeuriano.

Uma das grandes preocupações de Paul Ricoeur foi de não situar seu pensamento em um solo totalmente abstrato. Por isso, vemos em seus textos a instrumentalização de vários autores e conceitos, que nos ajudam a compreender os pontos que nossa reflexão se encontra. Deste modo, ao utilizar o conceito de dobra de Deleuze, que seria a "[...] apropriação da ontologia no voltar-se para si, um movimento para dentro rumo ao infinito de um ser quebrado e em processo de reconhecimento" (SOUZA, 2017, p. 25), Souza conquista um fio condutor valioso para reflexão do pensamento ricoeuriano, não se perdendo assim perante o estilo próprio do filósofo francês e conseguindo manter a meta de valorização das contribuições

¹ Doutorando em Filosofia pela UFMG.

próprias que Ricoeur nos têm a oferecer. Além disso, ele consegue com esta apropriação o desenvolvimento de uma ideia original, a percepção de um movimento religioso ao longo do pensamento ricoeuriano. Mas, Paul Ricoeur não buscou sempre fazer uma filosofia autônoma, livre de ontoteologia? É na resposta desta questão que se pode perceber a grande contribuição de Vitor Chaves de Souza para os estudos em Ricoeur em Filosofia da Religião.

Souza não excluí a posição de Ricoeur diante de seu próprio texto, pelo contrário, ele a valoriza. Mesmo mantendo metodologicamente filosofia e teologia separadas, é inegável a importância que a teologia tem para toda vida de Ricoeur, pois isso é descrito com bastante honestidade em seus escritos autobiográficos. Deste modo, se ao longo de um pensamento existem dobras, isto é, movimentos para dentro de um infinito de um ser quebrado em processo de reconhecimento, será que nelas não podemos ver o encontro entre filosofia e teologia no pensamento de Paul Ricoeur? Podemos ver ao longo da obra de Souza a verificação de quatro pontos de intersecção em que pode ocorrer uma dobra religiosa, a saber, na nomeação de Deus; na dimensão da ética; no ser humano capaz; e no entrelaçamento da antropologia filosófica com a vida de Ricoeur;

O primeiro lugar que se dá a dobra religiosa em Paul Ricoeur, segundo Souza, é na nomeação de Deus (SOUZA, 2017, p. 80). Ao adentrar nesta questão, nosso autor pretende clarificar sua tese e defender que o termo *dobra religiosa* seria muito mais preciso do que *virada religiosa* para analisarmos o pensamento de Ricoeur, uma vez que não há uma busca por outro caminho que não o filosófico, isto é, não há um caminho que poderíamos chamar genuinamente de teológico em seu pensamento. Diante disso, é necessária a apresentação dos pontos que fazem com que se encontre esta dobra no pensamento ricoeuriano, e não uma virada, para assim conseguirmos trabalhar de fato a questão da nomeação de Deus.

Neste contexto, podemos afirmar com Souza três características basilares do pensamento filosófico de Paul Ricoeur: (i) A filosofia deve ser autônoma. Esta afirmação equivale à afirmação de que a filosofia deve ser crítica, ou seja, ela deve ser uma via negativa, que não caia na tentação de formular uma resposta última, como em Karl Barth, nem em uma apologética, onde toda reflexão caminha para Deus, como em Tomás de Aquino; (ii) A filosofia não deve ter um absoluto. Paul Ricoeur sempre distinguiu com muito rigor seus textos filosóficos de suas reflexões sobre

temas religiosos; (iii) A filosofia deve ser antropológica. Toda reflexão filosófica deve em última análise responder ao questionamento *quem é o homem?*

Diante destes pontos, ao trabalhar a questão da nomeação de Deus, Paul Ricoeur não está preocupado com a existência ou não de Deus, mas com a nomeação que os textos e as tradições apresentou. Assim, o ponto a ser destacado é a variação dos nomes de Deus ao longo da história, sejam estes metafóricos, provindos da tradição grega, ou a variação provinda da tradição hebraica expressada na Bíblia. Perante esta variação, um conceito essencial para nossa compreensão é o da *revelação*, pois vemos a presença de uma verdade que se apresenta de muitas maneiras e que escapa uma noção de verdade que se define apenas a partir da oposição com a falsidade.

A verdade manifestada na revelação é um conceito no qual o sentido do ser se mostra tal como ele é. “O que se mostra”, constatou Ricoeur, “é cada vez a proposição de um mundo, de um mundo tal qual eu possa projetar nele meus possíveis mais próprios”. A nomeação de Deus é uma atividade poética sem incidência sobre a descrição positivista da verificação e falsificação – é, sobretudo, um conhecimento verdadeiro do mundo que é manifestado e aberto. A nomeação de Deus, portanto, nesta aproximação original, é o desdobramento de um mundo que está dentro do mundo do texto (no caso, o mundo bíblico), quando este se manifesta poeticamente e, assim, revela um mundo possível de habitar (SOUZA, 2017, p. 109).

Depois desta breve reconstrução, podemos afirmar que Souza viu na questão da *nomeação* de Deus um lugar privilegiado para que possamos perceber uma *dobra religiosa* no pensamento ricoeuriano, pois é através deste questionamento que Ricoeur postula uma noção de verdade que vai além da noção apresentada pela ciências exatas e pela lógica. Neste sentido, a verdade se manifesta poeticamente. Em tal manifestação há uma convocação para que o ser humano responda eticamente, pois este novo mundo possível de habitar que se abre é o da bondade. A dimensão ética se torna, assim, um ponto para se pensar a dobra da religião em Ricoeur, uma vez que a religião é pensada sobre este fundo de bondade. Assim afirma Souza:

O ser humano capaz é o destinatário da religião e pelo espiral de uma vida torna possível o fundo de bondade. A ação da sabedoria opõe-se ao fatalismo, ao interpretar, em um movimento dialético positivo, os eventos que figuram o horizonte da expectativa. Na mediação do símbolo, da crença e da convivência comunitária, motivado pelo caráter da bondade e da justiça, a inquietação proveniente dos problemas impostos pela existência encontram na religião "a capacidade extraordinária de tornar o homem ordinário capaz de fazer o bem" [...] Neste âmbito, a finalidade da religião é ética e a vocação fundamental da religião é moral, i. e., a capacidade de se fazer o bem (SOUZA, 2017, p. 367-368).

Se a religião encontra na ética sua finalidade e isto faz com tenhamos um ponto para se pensar a dobra religiosa em Ricoeur, este mesmo ponto revela para Souza a

originalidade filosofia do pensamento ricoeuriano, que se dá através de sua concepção de tempo. O ser humano capaz de fazer o bem mostra que o tempo não necessita ter apenas um aspecto linear, mas também pode ser vivido e pensado escatologicamente, abrindo um novo caminho para se pensar uma ontologia e, conseqüentemente, um novo horizonte para se pensar a dobra, por meio da aporia do tempo.

A hipótese original de Ricoeur consiste em: existe na concepção do tempo cíclico dos mitos uma plurivocidade ampla de modo que implicaria em aspectos “quase lineares” do tempo. O tempo não precisa ser necessariamente linear nem cíclico. Há as duas dimensões na temporalidade. O tempo do mito comporta a dinâmica de retorno ao propiciar uma vivência temporal cíclica. No entanto, esta vivência pode ser também de expectativa, de um olhar adiante, um ponto no futuro, ou seja, uma narrativa escatológica. Estas são pistas para compreendermos a variedade de estilos narrativos da Bíblia, onde em um mesmo livro pode-se encontrar textos poéticos, dogmáticos ou até mesmo sapienciais, como também o selamento da aliança do ser humano (em sua condição finita) à sabedoria divina (em sua condição infinita). O resultado desta dinâmica do tempo mítico é justamente a capacidade humana, i.e., o ser humano capaz, uma ontologia do possível, uma realização do ser no mundo inserido na aporia do tempo (SOUZA, 2017, p. 192-193).

Por meio destes pontos, Souza consegue afirmar o seguinte: "O empreendimento filosófico de Ricoeur é engajado com a ação. A dupla adesão é metodológica (filosofia e teologia) e também existencial (acadêmico e cristão)" (SOUZA, 2017, p. 340-341). Deste modo, a própria obra de Ricoeur é um *lugar* para se pensar a dobra da religião, isto é, uma reflexão de cunho existencial que nasce de uma filosofia agnóstica. Todo empreendimento ricoeuriano é marcado por esta dupla adesão, que é tanto metodológica, mas, sobretudo existencial e faz com que a religião se situe, por meio de uma fenomenologia do possível, em uma vida que é interpelada por um Outro. O próprio Souza reflete acerca da originalidade de sua obra:

É neste momento, portanto, que surge a originalidade da tese: a dobra da religião na fenomenologia do possível com a sofisticação teológica da interpretação metafórica da virada religiosa no destino. Tal empreendimento apontará para a dobra existencial, cuja novidade ressalta o agnosticismo filosófico e a adesão religiosa de Ricoeur, destacando as possibilidades e as originalidades de uma vida interpelada pelo saber acadêmico e pela tradição religiosa. Com esta questão, mostra-se que o pensamento de Ricoeur é um pouco sobre dar conta que a dobra não é apenas uma questão da esfera do pensamento, mas assume proporções existenciais da sua própria vida no mundo (SOUZA, 2017, p. 337, grifo do autor).

Resta-nos, assim, apenas dizer que em *A dobra da Religião em Paul Ricoeur*, de Vitor Chaves de Souza, encontramos uma obra fundamental para quem deseja iniciar sua jornada por meio da obra ricoeuriana, principalmente para aqueles em que seu interesse último está na filosofia da religião. Souza apresenta Ricoeur não apenas



como um hermeneuta, ou um acadêmico, mas como um filósofo da existência, que tem um pensamento vivo. Este caminho faz com que possamos enxergar em Ricoeur, no lugar de um aparente hermetismo, uma filosofia que vai além da esfera do pensamento, assumindo a reflexão de todas interpelações apresentadas pela vida, inclusive a interpelação religiosa.

Recebido em: 13/11/2019
Aprovado em: 18/11/2019